

Um Eldorado errante: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade, de Antonio Celso Ferreira. São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1996.

Renato Aloizio de Oliveira Gimenes*

Oswald de Andrade comparece nesse livro com um rosto totalmente novo – ou seria mais uma de suas máscaras? A crítica literária sobre o Movimento Modernista durante anos emitiu uma série de juízos conflitantes sobre sua produção literária: ora transformado em celebridade das letras nacionais, ora alçado ao cânone literário como um “vanguardeiro”, ou como um escritor de estilo inconstante e irregular, síntese do que há de pior e melhor no Modernismo – para relembrarmos a opinião de Alfredo Bosi. Mas, agora, Antonio Celso Ferreira apresenta-nos *Oswald historiador*.

Talvez alguém se pergunte com perplexidade: “mas como é possível? Que História pode surgir desse terreno estranho que é a literatura de Oswald (ou mesmo a literatura dos Modernistas)? Não seria apenas uma ‘história’ – quase uma ‘estória’? Como é possível escrever ‘a’ História (com todo o fardo da veracidade) partindo de algo que é assumidamente fictício? Escrever a História à partir de textos que sequer são considerados ‘boa literatura’...”. Ou poderá mesmo ironizar: “investigar um escritor que prima pela indisciplina intelectual resulta não em um estudo sobre a ficção histórica, mas apenas em uma história de ficção”...

Estamos muito longe disso. O autor recupera a importância dos dois volumes da série de romances *Marco Zero* (a saber: *Marco Zero I: A Revolução Melancólica*, de 1943, e *Marco Zero II: Chão*, 1945), retirando-os de seu estatuto de “obras menores”. Nesse ato, temos uma contestação à crítica

* Doutorando em história pela Unicamp.

literária sobre o Modernismo, que assinalou a importância dos livros de Oswald publicados antes dos anos 1930, notadamente o par de livros *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, em detrimento de sua produção dos anos 1940. Contestação, de forma respeitosa, mas muito clara, à opinião de estudiosos consagrados como Antônio Cândido de Mello e Souza, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos ou ainda por toda uma geração de críticos literários oriunda dos cursos de letras dos anos 1970 que, se são responsáveis pela valorização das obras de Oswald de Andrade no cânone literário brasileiro, também cristalizaram uma espécie de “aura” em torno da figura do literato: inconformista, indisciplinado, esteta genial etc.

Mas este Oswald de Andrade *cronista de seu tempo* surge do encontro do Historiador com o Escritor. Ao adentrar na lógica ficcional dos dois romances, Antonio Celso Ferreira descortina o jogo de movimentos que Oswald imprime à história de São Paulo. Delineia-se, febrilmente, o “Eldorado” errante em mais de um sentido. Errante como as imagens paradisíacas dos viajantes às descrições do Descobrimento, estudadas nas páginas de *Visão do paraíso* de Sérgio Buarque de Holanda, mas que tanto foram revisitadas por Oswald, Tarsila e Mário de Andrade. Errante nos personagens de *Marco Zero*, que simplesmente não têm um lugar à salvo da exploração no Eldorado capitalista e industrializado da cidade de São Paulo, no século XX. Errante, por fim, na estética do escritor, que Antonio Celso Ferreira historiciza ao reconstituir a agitação cultural da São Paulo dos anos 30, bem como uma cadeia de publicações literárias nacionais e internacionais que chegaram ao conhecimento do escritor: romances de realismo socialista, a literatura de John dos Passos e de Ernest Hemingway, os princípios estéticos das vanguardas, que incorporaram o ritmo da cidade maquinica, e as técnicas de deslocamento da câmera cinematográfica.

Não obstante, as linguagens do literato e do historiador emaranham-se, dialogizam-se. A série *Marco Zero* (série inacabada, já que o próprio Oswald planejava terminá-la em cinco volumes) é recriada, re-imaginada e re-concebida por Antonio Celso. A documentação levantada pelo Historiador passa a interagir com os romances, tenta completar-lhes ao esforço de reconstrução da crítica oswaldiana à burguesia paulistana.

Mas a própria história busca a linguagem do fragmento, abandonando ela própria sua pretensão ao Realismo. Confrontada com a escrita *mezzo* cinematográfica, *mezzo* cubo-futurista existente em *Marco Zero*, a própria História precisa buscar uma outra forma de expressão, como nos propõe o próprio Antonio Celso: “Poderá o historiador atrever-se a estabelecer as ligações dessas trajetórias geográficas e simbólicas cujos roteiros imprevisíveis e postas embaralhadas passam pelo ‘marco zero’ paulistano? A resposta não será satisfatória se o caminho escolhido for a narrativa exclusivamente linear, obediente à cronologia, ou o pressuposto da objetividade e da evidência documental” (p. 43).

O escritura do historiador fragmenta-se para poder acompanhar as imagens da história de São Paulo e do Brasil presentes nas alegorias de *Marco Zero*. No caminho percorrido, vemos que as expectativas de que o Brasil tornaria-se um Eldorado, um paraíso guiado pela locomotiva paulistana, transformam-se em “um Eldorado fracassado”, uma “modernidade-nada”, banal e escura como noite da cidade.

A importância do trabalho de Antonio Celso Ferreira não se restringe apenas à recuperação de textos importantes de Oswald de Andrade. Ao encontrar-se com a obra do modernista, é a própria produção da História que está sendo discutida, são as estratégias narrativas utilizadas pelos historiadores que estão sendo indagadas, testadas. Mas também é importante pela *intervenção* que nosso historiador opera em um terreno que muitas vezes nos é estranho, o terreno de solo duro da crítica literária brasileira. “Pulando o muro”, intrometendo-se em um domínio que não é seu, o autor nos oferta um Oswald revigorado. *Um Eldorado errante* poupa o estudioso do Modernismo daquela sensação de que não há mais nada a dizer, tão forte quando percorremos a crítica literária dos anos 1960 e 1970. O Oswald de nosso historiador comparece em suas contradições, em sua irredutibilidade, em toda a sua não-unicidade. É um Oswald em sua linha de não-coerência. Nosso historiador, quem sabe, esteja dando um primeiro passo (muito significativo) para que a história do Modernismo brasileiro seja repensada. E nada melhor do que começar investigando o seu grande coringa.